

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2021

Desfazer, Resgatar



«Não temas. Eu te resgatei. Eu te chamei pelo teu nome. És Meu.»
Is 43, 1

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia.
Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da
Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:
lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
[**cadernodeoracaovd@gmail.com**](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

Desfazer, Resgatar

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	17 Fevereiro - Quarta-feira de Cinzas
13	21 Fevereiro - Domingo I da Quaresma
17	28 Fevereiro - Domingo II da Quaresma
21	7 Março - Domingo III da Quaresma
25	14 Março - Domingo IV da Quaresma
29	21 Março - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
34	28 Março - Domingo de Ramos
38	1 Abril - Quinta-feira Santa
43	2 Abril - Sexta-feira Santa
47	3 Abril - Vigília Pascal
52	4 Abril - Domingo de Páscoa
	PARTE III Textos da Igreja
60	Introdução
61	Mensagem do Papa Francisco para o XXIX Dia Mundial do Doente
64	Carta Apostólica “Patris Corde” - Papa Francisco
68	Ano “Família Amoris Laetitia” - Papa Francisco

Eu te resgatei

Nós – homens e mulheres – por vezes temos memória curta. Esquecemo-nos de quem somos, de onde partimos, de quais são os nossos ideais, de qual é a nossa identidade, a que caminho somos chamados.... Ficamos perdidos no meio de vários desafios e solicitações, quando, no caminho, nos encontramos perante uma encruzilhada, as nossas escolhas nem sempre são as mais acertadas, não sabemos medir as consequências das nossas opções.

Há uma coisa ante a qual eu fico sempre maravilhada: “a precisão nas medidas” (agora explico): pode ser, por exemplo, pegar numa medida para cortar um tecido, enganarmo-nos a fazer um ponto ao tecer a lã. Mas também acontece quando vejo construir uma estrada, levantar um muro ou... Um ponto a menos, um milímetro a mais, e altera-se completamente tudo o que se estava a fazer.

Já vi a minha mãe desfazer metade de uma camisola para regressar ao ponto certo, a partir do qual se tinha enganado, e continuar a tecer; eu também já tive de procurar tecido para acrescentar o que estava mal cortado e conseguir que o cortinado se ajustasse bem à janela; também construí uma estrada e experimentei o importante de respeitar as medidas e perceber como contornar ou destruir obstáculos; não construí nenhum prédio, mas desenhei-o e de certeza que se o tivesse construído a base não suportaria o último andar porque seria muito grande, teria quase o dobro do tamanho adequado devido aos desvios de apenas um centímetro em cada andar!

Por que falo sobre isto? Tem tudo a ver com o primeiro parágrafo que escrevi, esquecemo-nos, enganamo-nos, andamos sempre atarefados e a fazer tudo à pressa e construímos mal a nossa vida, desviamo-nos dos nossos valores, talvez não de uma só vez nem muito de cada vez mas, a partir de certa altura, começam a notar-se

os desvios e, por vezes, até já saímos da estrada e, com um pouco de sorte, conseguimos ficar no limite e não cair no precipício.

Também acontece que pensamos que somos simplesmente humanos e que os sentimentos, desejos, tentações nos pregam partidas, deixamo-nos levar, consumimos, procuramos prazer e poder e... chega a um ponto em que não só não caminhamos até à nossa identidade divina de filhos de Deus, mas antes descemos a um estádio muito irracional e pouco humano para não dizer uma outra palavra mais ofensiva.

E Jesus que veio no Natal, a nascer em nós e a ensinar-nos a viver segundo a nossa dignidade e identidade de *“ser imagem e semelhança de Deus”* (Gn 1, 26-28), fica esquecido e guardado numa caixinha para montar o presépio do próximo ano.

Ainda bem que Jesus não aceita ficar escondido, à parte, numa arrecadação, e continua o projeto para o qual o seu Pai – Deus – o escolheu. Jesus percebe que a Sua missão não terminou com o Seu nascimento, o ser o Messias, o Emanuel, implica passar por muitos outros desafios, é ser luz durante toda a sua vida, a luz que deve iluminar as nossas trevas e que nos permite olhar e ver com clareza o caminho a seguir. Se calhar era acerca disto que discutia com os doutores no templo, enquanto Maria e José o procuravam com muita angústia (Lc 2, 41-50).

Jesus, aos poucos, compreendeu que a Sua missão era ser caminho para nos mostrar por onde devemos ir (Jo 14, 6), entendeu que veio fazer a vontade de Deus (Jo 6, 38). O caminho da Quaresma é isto: Jesus, passo a passo, cumpre a vontade do Seu Pai e, por isso, na cruz pôde dizer com verdade *“Tudo está cumprido”* (Jo 19, 30).

Ter o caminho traçado não é um atentado contra a nossa liberdade, podemos segui-lo ou não, o que se temos certo, como diz Jesus, *“É o caminho”*. Jesus faz-Se vida, uma vida como a nossa ao nascer, e

Jesus faz-Se caminho, caminho verdadeiro rumo ao que Deus quer para nós, sob o olhar do Pai e, assim, resgata a nossa vida que tinha ficado à deriva, sem rumo, sequestrada pelos maus caminhos percorridos, pelos maus desvios que fizemos, pelos atalhos errados que percorremos até que, pouco a pouco, acabámos por sair do caminho. E Jesus, através da sua vida, relatada nos Evangelhos dos cinco domingos de Quaresma, desafia-nos e convida-nos a segui-Lo, porque Ele é o caminho certo. Caminho que conquista com a Sua entrega generosa, para seguir as Suas pegadas que nos resgatam para a vida em abundância (Jo 10, 10).



parte I

Quaresma

Hoje é o primeiro dia do tempo favorável à reconciliação

Jl 2,12-18 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus

discípulos: ficai atentos para não praticar a vossa justiça na frente dos homens, só para serdes vistos por eles. Caso contrário, não

recebereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus. Por isso, quando deres esmola, não

toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para

serem elogiados pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. Ao contrário, quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita, de modo que a tua esmola fique oculta. E o teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa. Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé, nas sinagogas e nas esquinas das praças, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. Ao contrário, quando tu orares entra no teu quarto, fecha a porta e reza ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que está escondido, te dará a recompensa. Quando jejuardes, não fiqueis com o rosto triste como os hipócritas. Eles desfiguram o rosto, para que os homens vejam que estão jejuando. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, para que os homens não vejam que tu estás jejuando, mas somente teu Pai, que está presente no que é oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa.»

(Mt 6, 1-6.16-18)



oje é o primeiro dia do tempo favorável à **CONVERSÃO INTERIOR** para Deus.

Quantas oportunidades me são oferecidas por Deus para voltar a Ele, para pedir perdão, para recomeçar, para desfazer e voltar a fazer, para tentar novamente? Infinitas...

Desde o Batismo e a entrada do Espírito Santo na minha vida e no meu coração, Deus está sempre comigo, quer vir à minha vida, falar-me, guiar-me, perdoar-me, amar-me. Por vezes sou eu que não O oiço, que não O sigo ou que deixo de Lhe pedir e rezar.

Nestes tempos difíceis que se têm vivido, em que há maiores dificuldades, em que a interajuda tem sido mais necessária, em que se sente maior necessidade de oração e aproximação fraterna entre todos, em que até tenho rezado mais, escutado o que Deus quer dizer-me, seguido a Sua vontade, procurado a minha missão diária no casamento, na família, no trabalho, invocando a Sua graça e pedindo a Sua ajuda, quantas vezes dou por mim e vejo uma onda mais agressiva, que abanou mais o barco, veio uma responsabilidade maior, uma insegurança mais forte, uma conversa mais dura, um sentimento de frustração ou impotência, um erro cometido, uma palavra para magoar ou um gesto agressivo e destrutivo de um caminho de paz e, repentinamente, num abrir e fechar de olhos de que nem temos consciência, já não caminhamos com Jesus e apenas cabe perguntar: onde ficou Jesus nesse momento? Onde ficou o que me disse em oração? Para onde fugiu aquele desejo ardente de construir a paz? Onde ficou a humildade de aceitar que não consigo, que tenho limites, que a circunstância foi mais forte que eu, que sem Ele não serei capaz de ultrapassar aquela agitação?

A boa notícia é a seguinte: Deus esteve sempre comigo, eu é que deixei de agir com Ele, de confiar Nele e passei a agir apenas com as minhas forças e a ceder às minhas dúvidas, angústias, medos e frustrações... esquecendo-O; mas HOJE é tempo de RECOMEÇAR e FAZER (de) NOVO. É tempo de parar, voltar para dentro e para Deus, rezar o que aconteceu, o que agitou as águas, onde se abalou a minha Fé... e recomeçar com Ele.

Como posso voltar-me para Deus, para a minha essência fundamental, e aproximar-me do caminho de Amor e de Paz que Deus me pede para percorrer com Ele?

Deus enviou o Seu Filho, que se ofereceu por todos nós. Jesus indicou o Caminho para este tempo favorável: oração, esmola e jejum e, acima de tudo, disse-nos que aquilo que escolhermos fazer, aquilo que fizermos, o façamos com Ele e para Ele, em silêncio, no coração, com humildade e verdade, e não à espera de qualquer reconhecimento ou agradecimento do mundo.

Assim, **hoje é o primeiro dia de um tempo favorável à RECONCILIAÇÃO: com Deus e com o outro.** É tempo de viver de dentro para fora, de penetrar no meu coração, nas dores que sinto pelo que fiz ou não fiz, pelo que o outro me fez sentir, daquilo que me magoa, que me prende e não me deixa viver mais livre, e de o trazer para a oração e pedir a Deus que me liberte, que me alivie e que me dê a graça de o conseguir ultrapassar. É tempo de jejuar de sentimentos egocêntricos, de egoísmos, do que tenho a mais, em excesso, do que não preciso, e de viver apenas do essencial, do prioritário, do que me torna simples para sentir a necessidade de Deus e a sede do que vem de Deus, de forma mais viva, mais humilde e mais verdadeira. É tempo de, assim, sentir, viver e curar-me no Amor de Deus e conseguir oferecer-me mais no meu dia-a-dia, de pensar e rezar pelo outro, de lhe dar tempo e espaço, de o encontrar e fazer, e oferecer o que ele precisar.

Deus já me perdoou, já me resgatou antes sequer de Lhe pedir. Por isso, é tempo de viver com Ele e por Ele, de voltar a Ele, de O seguir e O imitar no dia-a-dia, com humildade e, acima de tudo, com a alegria de O ter na minha vida. Como não O testemunhar e passar ao outro? Como não encontrar sentido para uma RECONCILIAÇÃO com Ele, comigo e com o outro?

Com quem tenho de me reconciliar nesta Quaresma? A quem tenho de perdoar ou de pedir perdão? Desafio-vos a iniciarem este caminho pela identificação das prioridades da vossa vida, as pessoas com quem têm de se reconciliar (que podem ser vós mesmos, Deus e/ou outros) e os “pequenos passos possíveis” (PPP) que podem dar nesta Quaresma, sem esperar frutos, resultados ou reconhecimento, apenas com a alegria de caminhar.



Reconciliação em Relações Feridas – Os “quês e porquês” – e a Graça - Queridos

Psicologia e Fé Cristã – um trabalho de equipa promissor

Ainda que a análise psicológica, aconselhamento e psicoterapia possam ajudar-nos a atingir um entendimento mais profundo do funcionamento da reconciliação, algo mais é necessário. E esse “algo mais” é poder – o poder fazer aquilo que sabemos que é necessário fazer! Isto não é apenas uma questão psicológica, mas uma questão que tem as suas raízes a alcançarem profundamente a dimensão espiritual da pessoa. Em muitos casos, é simplesmente impossível pela nossa capacidade humana, por si só, perdoar a dor e sofrimento a que fomos sujeitos por outras pessoas que nos são importantes. Do mesmo modo, não é possível apenas com esforço humano penetrar as camadas psicológicas dos sentimentos de culpa e ligarmo-nos às áreas que contêm a dor insuportável do arrependimento sincero, o único a poder libertar o coração.

A abordagem psicológica pode ajudar-nos a descobrir o que é necessário ser feito, mas não oferece o poder para o fazer. Aqui é necessária uma ajuda extra – do alto. E o poder para fazer essas coisas é derramado da Cruz, onde Cristo Crucificado, pelo Seu sacrifício, liberta este poder divino até ao nível do coração humano. Este é o dom da graça. E este poder é livremente tornado acessível a todos e a cada um que o peça – enquanto o pedido for conduzido por um desejo apaixonado de um coração que se reconhece verdadeiramente necessitado.

Resulta!

O truque agora é manter tudo isto na memória, quando precisarmos...

(Peter Damgaard-Hansen, PhD, Associação Psicólogos Católicos)

“Mostra-me, Senhor, os teus caminhos”

- Gn 9,8-15 «Mostra-me, Senhor, os teus caminhos e ensina-me as tuas veredas
- Sl 24 (25) Dirige-me na tua verdade e ensina-me, porque Tu és o Deus meu salvador.
- 1 Pe 3,18-22 Em ti confio sempre.
- ...
- Mc 1,12-15 Não recordes os meus pecados de juventude e os meus delitos.
Lembra-te de mim, Senhor,

pelo teu amor e pela tua bondade.

O Senhor é bom e justo;

Por isso ensina o caminho aos pecadores»

(Sl 25, 4-5.7-8)

«Também Cristo padeceu pelos pecados, de uma vez para sempre - o Justo pelos injustos – para nos conduzir a Deus. Morto na carne, mas vivificado no espírito.» (1Pe3, 18)

«Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.»

(Mc 1, 14-15)

Na introdução deste caderno, fala-se da precisão das medidas. Gostei muito desta imagem, de pensar como um pequeno erro de medida, por exemplo na construção duma estrada, pode levar a um desvio irrecuperável. O mesmo se passa na nossa vida, no nosso caminho de fé. Desviamos-nos um pouco, deixamos “andar” e, quando damos por isso, já não vamos à Missa há tanto tempo... Ou já não paramos para rezar há semanas, ou (e esta é uma dificuldade para muitos de nós, cristãos) já nem nos lembramos bem de quando foi a última vez que nos confessámos... Por vezes, estes desvios não nos prejudicam apenas a nós, mas afetam os outros: um pedido de desculpas que não fizemos a tempo, uma ajuda que podíamos ter dado e não demos, uma zanga que se arrasta...

A Quaresma que estamos a viver é, por excelência, o tempo do arrependimento e de reorientar o nosso caminho. *“Arrependei-vos e acreditai no evangelho”*, foi a mensagem que Jesus nos deixou. Na quarta-feira de cinzas ouvimos esta frase, com ela começámos a Quaresma. Mas, como podemos fazê-lo? Quando estamos a construir uma estrada, ou a fazer uma camisola, como é contado na introdução, remediar nunca é a melhor solução. A melhor solução é quase sempre desmanchar, corrigir o que está mal feito, e recomeçar. Lembro-me muitas vezes de uma tia-avó que, quando me via aborrecida porque me tinha enganado nos meus trabalhos manuais, dizia sempre “desmanchar e fazer, tudo é aprender”. Gosto muito desta ideia de que desmanchar, voltar atrás, não é tempo perdido, é tempo de aprendizagem, tempo de ver onde errámos, de perceber como podemos fazer para não voltar a cometer o mesmo erro. E bem sabemos que não vale a pena ignorar o erro, dizer “não se vai notar”, porque, mesmo que mais ninguém o veja, nós sabemos que ele está lá!

As leituras de hoje convidam-nos a refletir sobre a nossa vida, os nossos pecados, os momentos em que nos desviamos do caminho que Deus quer para nós: quão desviados estamos dos nossos valores? Estamos a corrigir a rota ou já baixámos os braços? Continuamos firmes no propósito de viver à semelhança de Deus, como Jesus nos ensinou, com a Sua vida na terra? Mas, depois desta reflexão, depois de percebermos onde nos desviámos, precisamos de responder às perguntas que nos podem ajudar a recentrar, a encontrar de novo o rumo: como conseguimos ver com clareza o caminho? Que “luzes” temos de acender para o iluminar?

A resposta a estas inquietações está em nós, mas não pode vir só de nós. Como nos dizia o Papa Francisco naquele momento tão marcante na Quaresma do ano passado em que nos falou, a partir de uma Praça de São Pedro vazia, “ninguém se salva sozinho”. O Salmo de hoje ajuda-nos a perceber o que temos de fazer: temos de pedir. Nem sempre nos lembramos de que rezar a Deus nos traz essa clareza, que podemos pedir-Lhe esse auxílio, de que podemos abrir o coração, reconhecer o que nos perturba nas nossas ações, com a certeza de que Deus não vai recordar “os meus pecados de juventude e os meus delitos”. Com o seu amor e justiça, estará sempre disposto a mostrar-nos o melhor caminho. E esse caminho, nós conhecemo-lo - é o Evangelho, a boa nova que Jesus nos revelou.

Que nos arrependamos e acreditemos no evangelho, é o que nos é pedido em cada Quaresma. Com a certeza de que Deus não nos castiga, rezemos para que possamos olhar para o nosso caminho com clareza, para sabermos o que devemos continuar a fazer, o que devemos corrigir e o que devemos desmanchar e voltar a fazer. As palavras do evangelho não são novas, todos os anos as ouvimos, mas não percamos a oportunidade de as reinventar, de inventar um dia claro, como nos dizia Almada Negreiros.

“Quando eu nasci, as frases que hão de salvar a Humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa – salvar a Humanidade.”

“Nós e as palavras

Nós não somos do século d’inventar as palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século d’inventar outra vez as palavras que já foram inventadas.”

(Almada Negreiros, em “A invenção do dia claro”)



Abracemos o Senhor!

Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18 «Andarei na presença do Senhor sobre a terra dos vivos.

Sl 115 (116) Confiei no Senhor, mesmo quando disse: “Sou um homem de todo infeliz”.

Rm 8,31b-34 É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis.

Mc 9,2-10

Senhor, sou vosso servo, filho da vossa serva:

quebrastes as minhas cadeias.

Oferecer-Vos-ei um sacrifício de louvor,
invocando, Senhor, o vosso nome.

Cumprirei as minhas promessas ao Senhor
na presença de todo o povo,
nos átrios da casa do Senhor,
dentro dos teus muros, Jerusalém.»
(Sl 116)



azer caminho com o Senhor hoje e sempre...

De facto, é difícil a tomada de decisões radicais! Assumir um compromisso e escolher que se é livre estando selado por Deus.

Neste domingo da Quaresma, propomos rezar este salmo, salientando-se o jogo verbal nele presente.

Inicia com um apontamento para o futuro! As suas palavras transmitem um desejo, uma esperança que só a Fé pode trazer: *“Andarei na presença do Senhor sobre a terra dos vivos”*.

De facto, vivermos as nossas vidas com esta confiança de que, mesmo na solidão, o Senhor sempre está... Viver com este desejo faz toda a diferença! Tal como na história das “pegadas na areia”, é um dom acreditarmos que há um Deus que nos pega ao colo, acolhe as nossas dúvidas e inconsciência e aconchega-nos, abraça-nos!

Podemos viver este tempo de Quaresma com a consciência de que acreditar é um dom! A história tem, em si, sempre tempos “nebulosos”, que nos envolvem e nos devolvem à nossa dimensão... Este período pandémico, que teima em manter-se, relativiza as nossas capacidades e convida-nos a um serviço de humildade... Convite este fundamental para manter esta vontade, nos nossos corações, de continuar na presença do Senhor. Muito do impedimento para uma relação com Deus provém de conjeturas mentais, necessidade de compreensão e sensação de controlo como se a vida se regesse efetivamente dessa forma... “Andar na terra dos vivos” tem, em si só, algo de transcendente. Não “aprimosmos”, por isso, este desejo de, com Ele, continuar a fazer caminho, humildemente.

“Confiei no Senhor...” Confieemos neste Deus que é Amor, que nos abraça, abarcando o consciente e o inconsciente, porque Ele habita

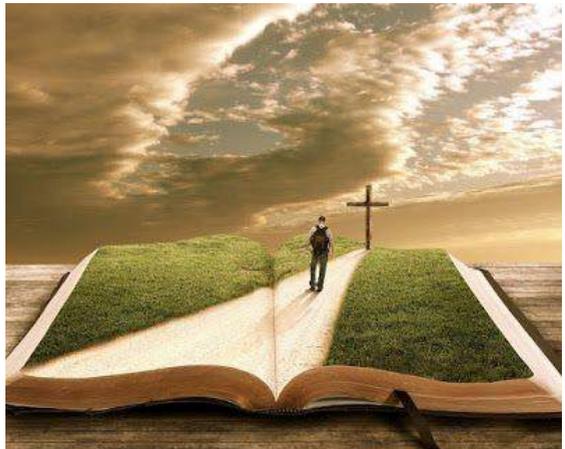
no compreensível e no incompreensível, na alegria e no profundo desânimo, no enorme e no mínimo, no visível e no invisível, na vida e na morte.

“Oferecer-Vos-ei um sacrifício de louvor...” Façamos da nossa vida um gesto contínuo de entrega. O Padre Charles de Foucauld dizia na *“oração do abandono”*: *“O que fizeres de mim, Eu Te agradeço”*. Viver a vida de forma agradecida traz leveza, paz e alegria. Por vezes, vivemos demasiado acelerados para gozar das maravilhas que temos e acabamos por não ter a maturidade humana necessária para atravessar as dificuldades. Em suma, vive-se os dois *“lados da moeda”* da vida sem este gozo e seriedade que dá grandeza ao ser humano.

“Cumprirei as minhas promessas ao Senhor...” Partindo do compromisso de Deus para comigo, experimento-me comprometido também com Ele! Sou chamado a construir à minha volta um reino de Amor e fraternidade. Cada homem e mulher pode, e deve, sentir-se amado! Participar nesta construção seguindo a Cristo é, efetivamente, um dom.

Façamos do nosso quotidiano a *“Páscoa das nossas vidas”*, entregando nas nossas ações e oração a presença de Deus que está vivo e nos abraça!

Rezando a nossa história, conscientes dos passos, vivamos o presente com a esperança de que Deus estará sempre a abraçar-nos.



“O abraço”

O filósofo de linhagem rabínica Martin Buber, que pensou como poucos o enigma e o significado da nossa humanidade, escreveu: “O mundo não é compreensível, mas é abraçável.” Com essa frase, não se referia apenas ao mundo que está fora de nós, mas também ao mundo especificamente humano, ao universo interno, àquela porção de experiência e de mistério que com cada pessoa emerge de forma única no tempo. Os limites da compreensão têm que ver com o facto de o outro permanecer outro e, mesmo quando absolutamente próximo, não deixar nunca de ser irreduzível. De ser, em tantos modos, intangível.

Buber ensinava: “O mundo não é compreensível.” Há sempre um momento em que temos de dizer a nós próprios: “o mais importante não é compreender, o mais importante é abraçar” e abraçar até aquilo que não compreendemos. De facto, a grandeza do abraço é que pode muitas vezes chegar onde a compreensão não chega. E isto porque o abraço aceita a separação ontológica que a pele do outro significa, detendo-se aquém da pele. A compreensão deseja uma interpretação exaustiva, sonha com um mapa estável, tem a vontade de descriptar o segredo. O abraço reconhece que existe uma pele deste lado e do outro, e que, mesmo na intimidade das relações, essa película perdura. Já Aristóteles explicava, por exemplo, que quando tocamos não eliminamos uma espécie de intervalo que persiste entre nós e a realidade, um distanciamento mínimo jamais suspenso, que nos previne contra o mito da coincidência total e contra a ilusão da fusão absoluta. Avizinhamos dos outros não é consumir os outros, como se os pudéssemos reduzir a objeto.

(...)

(José Tolentino Mendonça, in Expresso
<https://expresso.pt/opiniaio/2020-01-04-O-abraco>)

O que habita no templo do teu coração?

- Ex 20,1-17 «Estava próxima a Páscoa dos judeus e Jesus subiu a Jerusalém. Encontrou no templo os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas, e os cambistas sentados às bancas. Fez então
- Sl 18 (19) um chicote de cordas e expulsou-os a todos do templo, com as ovelhas e os bois; deitou por terra o dinheiro dos cambistas e derrubou-lhes as mesas; e disse aos que vendiam pombas: “Tirai tudo isto daqui; não
- 1 Cor 1,22-25 façais da casa de meu Pai casa de comércio”. Os discípulos recordaram-se do que estava escrito: “Devora-me o zelo pela tua casa”. Então os judeus tomaram a palavra e perguntaram-Lhe: “Que sinal nos dás de que podes proceder deste modo?”. Jesus respondeu-lhes: “Destruí este templo, e em três dias o levantarei”. Disseram os judeus: “Foram precisos quarenta e seis anos para se construir este templo e Tu vais levantá-lo em três dias?”. Jesus, porém, falava do templo do seu corpo. Por isso, quando Ele ressuscitou dos mortos, os discípulos lembraram-se do que tinha dito e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus. Enquanto Jesus permaneceu em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos, ao verem os milagres que fazia, acreditaram no seu nome. Mas Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos e não precisava de que Lhe dessem informações sobre ninguém: Ele bem sabia o que há no homem.»
- Jo 2,13-25

façais da casa de meu Pai casa de comércio”. Os discípulos recordaram-se do que estava escrito: “Devora-me o zelo pela tua casa”. Então os judeus tomaram a palavra e perguntaram-Lhe: “Que sinal nos dás de que podes proceder deste modo?”. Jesus respondeu-lhes: “Destruí este templo, e em três dias o levantarei”. Disseram os judeus: “Foram precisos quarenta e seis anos para se construir este templo e Tu vais levantá-lo em três dias?”. Jesus, porém, falava do templo do seu corpo. Por isso, quando Ele ressuscitou dos mortos, os discípulos lembraram-se do que tinha dito e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus. Enquanto Jesus permaneceu em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos, ao verem os milagres que fazia, acreditaram no seu nome. Mas Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos e não precisava de que Lhe dessem informações sobre ninguém: Ele bem sabia o que há no homem.»

(Jo 2, 13-25)

Jesus entra no templo e encontra-o transformado num mercado. Enraivecido, expulsa tudo e todos.

Transporto este templo para dentro de mim e pergunto-me:

Como encontro o meu templo interior? O que lá habita? Como tenho cuidado dele? O que deixo entrar e o que fica de fora?

A resposta não é imediata, nem tão pouco visível à superfície. É preciso ir a um lugar de verdade, profundo, onde só a oração nos pode colocar. É preciso entrar muito lentamente, quase sem se ser visto, e observar bem.

Então, para esta viagem, permite-te tempo para entrar no silêncio de Deus. Não é possível expulsar o que desconhecemos, o que vive escondido. E o que se esconde demora tempo a encontrar. Sem julgamento e com amor, entra e observa. O que encontras no teu templo? Observa os movimentos das emoções, todos os ruídos, as personagens que aparecem, as histórias que se repetem. O que habita nesse espaço Sagrado? Reconhece o que lá te afasta de Deus. Aceita tudo com humildade na certeza do amor infinito do Pai.

Agora que reconheces o que lá habita, observa como te sentes: talvez sintas um pouco da raiva de Jesus; talvez raiva ao sentir que deixaste que esse espaço sagrado fosse invadido; talvez até te reconheças num dos mercadores. Acolhe tudo isto, reconhecer é permitir que a transformação venha a ti. Diz-te, então, o que queres expulsar. Sê verdadeiro mesmo que custe. Deixa que seja a voz de Deus a guiar-te.

E, por fim, a coragem de destruir e edificar de novo. Encontra em Deus essa força, é disso que a Quaresma fala. A Igreja dá o lugar e o abraço a este caminho pessoal de transformação e purificação. O caminho para a Ressurreição não tem nada de fácil. Morrer e nascer de novo é um ciclo invertido –, porque o ciclo natural é nascer para

depois morrer. Mas para morrer e voltar a nascer é preciso uma força muito maior do que a nossa.

Em casa tenho tentado germinar sementes de árvores adormecidas há anos. Não sendo um estado de morte é, seguramente, de pouca abertura à vida. Contudo, esse estado de inatividade é a sua proteção. Tenho feito inúmeras pesquisas e descobri que a forma mais eficaz é mergulhá-las num ácido corrosivo durante vários minutos antes de as colocar na terra.

Pois bem, também a vida espiritual de cada um pode brotar para uma fé maior com choques de dor. Não necessariamente passando por sofrimento, mas pela coragem de olhar em verdade para o que queremos expulsar de dentro.

Então o convite de Jesus para a Quaresma é transformar, purificar. Tempo de compromisso, sacrifício e disciplina. Ser firme como Jesus foi. Se não nos impomos ao que de verdade queremos que habite em nós e nos permitimos desculpas (“foi só hoje porque...”, “eu fiz aquilo porque tive de responder...”, “eu fiz para bem do outro...”) é muito fácil perder o rumo.

É no sacrifício e na disciplina que encontramos a direção, o caminho e, por fim, a Vida fecunda e abundante que Jesus nos prometeu.



Senhor, Vós tendes palavras de vida eterna (Sl 18)

*A lei do Senhor é perfeita,
ela reconforta a alma;
as ordens do Senhor são firmes,
dão sabedoria aos simples.*

*Os preceitos do Senhor são retos
e alegam o coração;
os mandamentos do Senhor são claros
e iluminam os olhos.*

*O temor do Senhor é puro
e permanece para sempre;
os juízos do Senhor são verdadeiros,
todos eles são retos.*

*São mais preciosos que o ouro,
o ouro mais fino;
são mais doces que o mel,
o puro mel dos favos.*

“Filho do homem será elevado, para que todo aquele que acredita tenha n’Ele a vida eterna”

2 Cr 36,14-16.19-23 «Naquele tempo, disse Jesus a Nicodemos: “Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será

SI 136 (137) elevado, para que todo aquele que acredita tenha n’Ele a vida eterna. Deus amou tanto o

Ef 2,4-10 mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n’Ele

Jo 3,14-21 não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o Filho ao mundo para

condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem acredita n’Ele não é condenado, mas quem não acredita já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho Unigénito de Deus. E a causa da condenação é esta: a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más as suas obras. Todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas. Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus”.»

(Jo 3, 14-21)

Estive recentemente com uma amiga cujo filho se encontra hospitalizado há vários meses a recuperar de uma tentativa de suicídio. A boca seca-se quando tentamos encontrar as palavras certas. Tudo o que dizemos numa conversa destas pode parecer fútil, incompreensivo. Mal nos encontrámos iniciou a narrativa do que tem sido todo o seu calvário, a sua cruz, nos últimos tempos: a desorientação geral sobre o que fazer, o que poderia ter feito de diferente, se poderá ou não voltar a suceder... No fim, disse-me que achava que tinha sido um milagre o filho ter sobrevivido e que estava, apesar de tudo, agradecida a Deus. Dizia que Deus só podia ter um plano muito bonito para a vida do filho.

As suas palavras poderiam ser de revolta, de falta de fé ou, simplesmente, de desistência. Ao invés disso, estavam preenchidas de luz. Ao rezar esta leitura, não nosso deixar de contemplar este Jesus elevado na cruz que não rejeita o sofrimento, mas que o aceita e transforma a Sua cruz numa árvore de vida.

No início da leitura, Jesus remete-nos para o Livro dos Números (cf. 21, 1-9) em que, perante a adversidade das serpentes venenosas que atacavam o povo de Israel no deserto, Deus ordena a Moisés: «Faz uma serpente ardente e coloca-a sobre um poste. Todo aquele que for mordido, olhando para ela, viverá». É esta imagem que Jesus usa para Se definir a Si próprio e à Sua missão: todo aquele que for “mordido” pela adversidade, que O contemple elevado na Sua Cruz e, certamente, viverá. Reparemos neste detalhe, Deus não promete ao povo em fuga que não será mordido por serpentes venenosas, limita-se a salvar todos os que têm Fé e confiam na Sua palavra, mesmo depois de serem picados.

Na sociedade ocidental ganhámos aversão ao sofrimento. Ouvi recentemente alguém dizer que não se deve mostrar às crianças as imagens de Cristo crucificado, pela sua violência e impacto

psicológico que isso possa ter. Não tenho competências para julgar esse tipo de avaliações. A única coisa que posso testemunhar é que, ao longo da vida, TODOS experimentamos, de uma forma ou de outra, tudo o que Jesus experimentou na cruz: a dor física, a dor de todos os amigos que o abandonaram, o ódio dos que preferiram amar mais as trevas do que a luz. Quem acredita que esta hora de trevas foi derrotada pela luz, então também acredita na esperança, que não é mais do que a convicção profunda de que quem tem Fé não perece, antes, funde-se a Deus para alcançar a vida eterna.



Ele ama-nos: «amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho único» (Jo 3,16). Deu o seu Filho, enviou o seu Filho e enviou-o para morrer na cruz. Sempre que olhamos para o crucifixo, encontramos este amor. O crucifixo é precisamente o grande livro do amor de Deus. Não é um objeto para colocar aqui ou ali, mais bonito, não tão bonito, mais antigo, mais moderno... não. É precisamente a expressão do amor de Deus. Deus amou-nos desta forma: enviou o seu Filho, aniquilou-se a si mesmo até morrer na cruz por amor. «Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho» (cf. v. 16).

Quantas pessoas, quantos cristãos passam o tempo a olhar para o crucifixo... e ali encontram tudo, porque compreenderam, o Espírito Santo fez com que compreendessem que ali está toda a ciência, todo o amor de Deus, toda a sabedoria cristã. Paulo fala disto, explicando que todo o raciocínio humano que ele faz é útil até certo ponto, mas o verdadeiro raciocínio, a melhor maneira de pensar, mas também o que mais explica tudo, é a Cruz de Cristo, é «Cristo crucificado que é escândalo» (cf. 1 Cor 1, 23) e loucura, mas é o caminho. E este é o amor de Deus. Deus «amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho único» (Jo 3,16). E porquê? «Para que quem n'Ele crê não pereça, mas tenha vida eterna» (v. 3, 16). O amor do Pai que quer os seus filhos com ele.

(HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

“Deixemos entrar em nós a luz de Deus
para não sermos como morcegos na escuridão”

Quarta-feira, 22 de abril de 2020)

Escutar a promessa para os dias que virão

- Jr 31,31-34 «Dias virão, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova.
- Sl 50 (51) Não será como a aliança que firmei com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egipto, aliança que eles violaram, embora Eu tivesse domínio sobre eles, diz o Senhor.
- Hb 5,7-9
- Jo 12,20-33

Esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel, naqueles dias, diz o Senhor:

Hei-de imprimir a minha lei no íntimo da sua alma e gravá-la-ei no seu coração.

Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

Já não terão de se instruir uns aos outros, nem de dizer cada um a seu irmão:

“Aprendei a conhecer o Senhor”.

Todos eles Me conhecerão, desde o maior ao mais pequeno, diz o Senhor.

Porque vou perdoar os seus pecados e não mais recordarei as suas faltas.»

(Jr 31, 31-34)

Hoje somos presenteados com uma promessa. Uma promessa vinda do próprio Deus. A promessa de uma nova aliança. Deus promete comprometer-se connosco. É isso que significa a aliança de Deus connosco: compromisso sem condições. É uma união afetiva, sem limites e sem condições.

É uma promessa para todo o nosso futuro. Dias virão, diz o Senhor. E é a promessa de uma aliança nova... A aliança do passado não é nunca o ponto de referência. Não é uma aliança que fica refém do que foi a experiência da aliança anterior, nem daquilo que a quebrou: os nossos limites, as nossas faltas, os nossos pecados.

Deus prometeu, neste texto de Jeremias há muitos séculos atrás, uma nova aliança com o povo de Israel. Deus não se cansa de procurar o povo, de lhe dizer que não o esquece, que não o abandona, que o ama. Por isso o profeta Jeremias proclama, em nome de Deus, esta nova aliança.

Mas, hoje, esta mesma aliança, Deus promete-a, a ti, a mim, a todos nós.

E, como há séculos atrás, está a prometê-la para todos os dias que virão. Será sempre uma aliança nova. A antiga aliança, a que acabámos de quebrar, não será o modelo desta... Esta será inteiramente nova.

Deus nunca se cansa de nos procurar, de nos dizer que não nos abandona, que nos ama.

A aliança que nos propõe dia após dia é sempre nova, sempre para quem somos hoje e não para quem fomos ontem.

Nesta promessa, Deus não põe condições - apenas aponta o que deseja para nós: que possamos gravar o seu amor (é esta a Sua lei, como várias vezes nos diz Jesus) no nosso coração, que Ele possa

ser, de facto, o nosso Deus. E, neste processo, perdoa os nossos pecados.

Nesta nova aliança Deus, mais uma vez, dá-se a conhecer. Ele deseja que o conheçamos.

Onde é que eu, hoje, me coloco perante esta promessa? Porque é uma promessa, não um pedido.

Deus não nos pergunta se queremos ter uma nova aliança com Ele. Ele promete-nos que, nos dias que virão, fará uma aliança connosco.

Por isso, novamente, onde me coloco perante esta promessa? Acolho esta novíssima aliança? Ou volto a escolher quebrá-la?

Se a quero acolher, terei de dar espaço a Deus e aos outros. Pois Deus quer que eu o conheça. E isso só se faz com tempo. Tempo para Ele na oração, na escuta, no silêncio. E tempo para os outros na partilha.

Só escutando o Senhor, na oração, na Sua Palavra, eu posso deixar que o seu amor fique gravado no meu coração.

No passado, Deus fez uma promessa ao povo de Israel de uma nova aliança.

Hoje fá-la, da mesma forma e com a mesma garantia, a ti, a mim, a nós.

Aceitamos o desafio de a acolher, dia após dia, na sua eterna novidade?



A arte de escutar

Um dos verbos mais utilizados em toda a Bíblia é «escutar». Desde o início, o Povo de Deus pensou-se a si próprio como comunidade de escuta. Se há uma representação que exprime com fidelidade o que o Povo de Deus faz quando se congrega ou quando caminha ao longo da história, é a premissa do verbo escutar.

Organizamos o tempo como um ambiente habitável; aprendemos a abrir o coração como se este fosse o nosso ouvido principal; dispomos o corpo individual, e esse corpo coletivo que é a comunidade, a receber a palavra; unimo-nos uns aos outros numa assembleia heterogénea, mas fraterna, para viver a escuta.

Experimentámos a vinda de Deus através de uma Palavra que nos requer uma escuta total e comprometida. Mas sabemos que a escuta é uma arte que tem de ser trabalhada. «Quem tem ouvidos, escute!», insistia Jesus, recordando-nos assim que a escuta não é automática: exige a mobilização das nossas forças mais vitais.

Para escutar temos ainda, talvez, de silenciar a voz indistinta que nos captura, emudecer o rumor, fazer calar as resistências interiores que são muitas vezes uma concha que blinda a vida e não permitem à beleza da Palavra revelar-se.

Surpreendo-me por vezes a interrogar-me se, como diz a Carta aos Hebreus (4,12), a Palavra já me penetrou até às juntas e às medulas, até ao ponto de divisão da alma e do espírito.

(D. José Tolentino Mendonça)

parte II **Semana Santa e Páscoa**

Não temas: És meu!

Is 50,4-7 «O Senhor deu-me a graça de falar como um

Sal 21 (22) discípulo, para que eu saiba amparar, com uma palavra, os que andam extenuados. Todas as manhãs, Ele desperta os meus ouvidos,

Fl 2,6-11 para eu escutar, como escutam os discípulos.

Mc 14,1–15,47 O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não resisti, nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e as faces aos que me arrancavam a barba, e não furtei o rosto aos insultos e aos escarros. O Senhor Deus veio em meu auxílio, por isso não fiquei envergonhado. Tornei o meu rosto duro como pedra e sei que não ficarei desiludido.»

(Is 50, 4-7)

«Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonastes?»

(Sl 21)

«Meus irmãos: Cristo Jesus, de condição divina, não se prevaleceu da sua igualdade com Deus. Mas aniquilou-se a si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes. Para que todos, ao nome de Jesus se ajoelhem nos Céus, na Terra e nos infernos. E toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.»

(Fl 2, 6-11)



hegámos ao Domingo de Ramos!

Recordo-me do Domingo de Ramos do ano passado, estávamos em pleno (primeiro) confinamento.

Passou-se um ano... o ano mais diferente das nossas vidas.

Escrevo estas pistas no início do segundo confinamento... estamos mais cansados, mais receosos...

Tenho encontrado tanta gente com vidas complicadas, difíceis, carregadas de algum tipo de sofrimento que precisa de ser aliviado. Esta pandemia também tem dificultado ainda mais algumas situações, já por si complexas...

Tenho sentido brotar dentro de mim um desejo ainda maior que a minha vida possa ser útil aos outros, quer através do meu trabalho, da minha entrega, da minha atenção ou da minha oração... E poder partilhar também, de forma simples, a Fé e a Esperança... sentir que somos família e nunca estamos sós, aconteça o que acontecer...

Neste Domingo de Ramos... vamos acolher a chegada de Deus, que nos vem salvar!... Vamos alegrar-nos porque Jesus chega até nós, vem fortalecer os nossos corações, vem dizer-nos “não tenham medo”, vem abrir-nos os olhos a outras verdades, abrir-nos os ouvidos a outras palavras, vem dar-nos uma agilidade de espírito.

E, através de nós e da nossa vida, vem salvar pessoas concretas (vamos pôr nomes ou caras a essas pessoas durante alguns segundos)... Quem são? _____)

No entanto, dou-me conta de que, no meio de toda a azáfama, rotinas, problemas, tarefas, solicitações, é muito fácil “perder-me”. E, num instante, passo a contar apenas com as minhas forças e intuições. É desgastante e cansativo. Vivo apressadamente, a tentar “tapar buracos”, a tentar resolver tudo para, finalmente, ter tempo para parar, rezar, descansar...

Mas, na verdade, esse momento “perfeito” não cai do céu, mesmo quando estamos em tempo de confinamento (com menos oportunidades de sair de casa ou menos solicitações exteriores).

Se esta atitude se mantiver muito tempo, mais cedo ou mais tarde vou acabar por sentir que “vivo sozinha”: *“Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?”*

Mas Deus não me abandona, não nos abandona...

“O Senhor Deus veio em meu auxílio”

Na Semana Santa que hoje começa, peço-Te Pai, que me dês ânimo para:

- escutar a Tua palavra, em cada dia;

“Todas as manhãs, Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não resisti, nem recuei um passo...”

- ajudar os outros que encontro no meu caminho;

“O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba amparar, com uma palavra, os que andam extenuados.”

E, após um ano de pandemia, o que me continua a “marcar”?

Vêm-me à cabeça precisamente as palavras de Isaías do lema deste ano da Verbum Dei:

“Não temas! Eu te resgatei. Eu te chamei pelo teu nome! És meu!”

E, sabendo que sou Tua, posso viver com mais confiança, humildade e obediência, pois a seguir à morte e paixão, vem a Ressurreição e a Vida!



*Senhor, que és o céu e a terra, que és a vida e a morte!
O sol és tu e a lua és tu e o vento és tu!*

Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também.

Onde nada está tu habitas e onde tudo está - (o teu templo) - eis o teu corpo.

*Dá-me alma para te servir e alma para te amar.
Dá-me vista para te ver sempre no céu e na terra,
ouvidos para te ouvir no vento e no mar,
e mãos para trabalhar em teu nome.*

*Torna-me puro como a água e alto como o céu.
Que não haja lama nas estradas dos meus pensamentos
nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos.
Faz com que eu saiba amar os outros como irmãos e servir-te
como a um pai.*

*Minha vida seja digna da tua presença.
Meu corpo seja digno da terra, tua cama.
Minha alma possa aparecer diante de ti como um filho que volta
ao lar.*

*Torna-me grande como o Sol,
para que eu te possa adorar em mim;
e torna-me puro como a lua, para que eu te possa rezar em mim;
e torna-me claro como o dia
para que eu te possa ver sempre em mim e rezar-te e adorar-te.*

*Senhor, protege-me e ampara-me.
Dá-me que eu me sinta teu.
Senhor, livra-me de mim.*

(Fernando Pessoa)

Resgatar da fome, da sede e... mais

- Ex 12,1-8.11-14 «Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”.
- Sl 115 (116)
- 1 Cor 11,23-26
- Jo 13,1-15 Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim.”

Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.»

(1 Cor 11,23-26)



odos temos assistido, neste tempo de pandemia, a muitos testemunhos de entrega valente, generosa, cheia de gratuidade. Todas estas pessoas têm resgatado a muitos da fome, da doença, da angústia, da solidão e até mesmo da morte.

Temos valorizado as pessoas que não ficaram de mãos cruzadas, que não baixaram os braços, que não ficaram no sofá, adormecidas e instaladas no seu próprio conforto e comodidade. Todas elas têm sido capazes de uma grande criatividade, inventaram a forma de se fazer presentes e entregar-se no que podiam, sabiam, e era preciso.

Todos nós conhecemos algumas destas pessoas, poderíamos dizer nomes e apelidos daqueles que foram heróis.

Conhecemos médicos, enfermeiras, profissionais de saúde, sabemos de donos de restaurantes, também temos visto jovens disponíveis, filhos que reinventaram formas de abraçar os pais, avós que renunciaram a estar com os netos pelo seu sentido de responsabilidade, temos amigos professores, catequistas, psicólogos, párocos, que não abandonaram ninguém, encontramos, também, comunidades religiosas, vizinhos, caseiros, costureiras, mães e pais, e... muitos mais, muitos que, com o coração a bater e a cabeça a fervilhar, procuraram respostas e soluções para tantas situações verdadeiramente difíceis.

Perante isto podemos dizer uma coisa: “SÓ O AMOR PODE SER TÃO CRIATIVO”

Se nós, os humanos, somos assim quando nos move o amor, como será Deus?

Desde a criação que conhecemos a amorosa criatividade de Deus, por vezes até exagerada, sempre com o desejo de que sejamos felizes. E que podemos dizer da Sua criatividade ao fazer-Se homem, bebé, frágil e necessitado?

Deus, de muitas formas e maneiras, esteve sempre ao nosso lado, nunca desistiu de nos amar, não nos abandonou nas dificuldades, mesmo nos momentos mais duros, não só caminha ao nosso lado como também nos pega ao colo para aliviar o nosso cansaço, e compensar a nossa incapacidade.

Jesus não ficou atrás dos ensinamentos do Seu Pai, aprendeu muito bem como amar, aprendeu a olhar para os homens e as mulheres, e também para as crianças, os jovens e os adultos, sabia dos seus sofrimentos, dores, necessidades do corpo e da alma. Por isso, sabia quando era para perdoar, ou exigir, também quando era o momento de acompanhar, de falar, de repreender, de animar de calar, de não ficar indiferente, de inquietar, e de rezar. Quanta proximidade e criatividade nas palavras, quantos ensinamentos nos seus “sermões”, quanta delicadeza nos seus conselhos, quanta verdade no seu testemunho, quanta esperança, curando e aconchegando, perdoadando...

Praticou tanto o amor criativo que se fez mestre, e O levou até ao extremo.

O extremo? Qual é o extremo de Jesus? Como Deus, não tem nem princípio nem fim. A sua medida de amor é, como Ele, infinita, é o “amor sem medida”.

E um dia, estando com os seus e já suspeitando, no seu coração, que rapidamente iam acontecer situações difíceis, usou de toda a sua criatividade para lhes mostrar o caminho a seguir e fortalecê-los pela sua entrega. Nesse momento em que Ele sente o amor pelos seus e os ama até o extremo e, pegando no pão e no cálice, diz: *“Tomai, comei, bebei, este é o meu corpo e o meu sangue que será entregue por todos”* e sinal da nova Aliança, nova e eterna para sempre. Num simples gesto durante um jantar, quanta densidade e conteúdo de vida! A sua forma de não nos deixar sós, não apenas os seus discípulos mas sim todos nós, a promessa de uma Aliança de

união com toda a Humanidade até à eternidade, e com o convite de repetir, não como um simples gesto mas sempre como uma realidade, porque em cada Eucaristia é o Corpo de Jesus que se nos dá, para ficar em nós, para não termos fome, nem sede, nem solidão, nem desesperança, e para termos o verdadeiro alimento que nos dá a possibilidade de vida abundante para, unidos a Ele, comungarmos com os seus sentimentos e fazer comunhão com todos. Para nos converter Naquele que recebemos. Para sermos hoje, para o nosso mundo, “Outros Cristos”.

Mt 26,26-28; Mc 14,22-24; Lc 22,19-20; 1 Cor 11,23-25; Jo 13, 1-15

Este é um momento crucial e privilegiado pela situação que estamos de viver no Mundo, de forma ativa como Jesus, com um amor criativo, sustentado na Eucaristia.



TANTO AMOR...

*Tanto Amor guardado até este momento
O Teu e o meu derramados na Eucaristia,
Sobre a história, as pessoas e o futuro
Para neles fazer desabrochar a paz na vida.*

*Tanto amaste Senhor por amar tanto,
Que inundaste de Amor a criação, o tempo, o canto.*

*O teu Amor é a maré alta na margem do meu rio; É a tua vida
Senhor Jesus, dai-nos o pão e o vinho*

*Tanto amaste Senhor por amar tanto,
Que inundaste de Amor a criação, o tempo, o canto.*

*Junto a Ti, em Ação de Gracias, Tu fazes de nós dom
Generoso, vasto, eterno;
Pão e vinho - sabor de Deus
Para este momento,
Em que o nosso corpo
Saboreia a vida eterna.*

*O teu amor é a maré alta
Nas margens do meu rio; é a tua vida
Senhor Jesus, dai-nos o pão e o vinho*

(Maribel Pereda, Missionária Verbum Dei)

Não temer a cruz

- Is 52,13–53,12 «Meus irmãos: Nós temos um grande Sumo Sacerdote que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus, conservemos firme a fé que professamos. De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado. Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna. Nos dias da sua vida terrena, apresentou orações e súplicas àquele que O podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna»
- (Hb 4, 14-16; 5, 7-9)



dia de hoje é violento para qualquer cristão. Em boa verdade, para qualquer pessoa que pense no que aconteceu a Jesus: traído, negado, injustiçado, humilhado, espancado e, finalmente, crucificado. É difícil ficar indiferente à crueldade da via sacra. Para mim, sempre foi um dia triste, cinzento, pesado.

Em teletrabalho, novamente confinado, com os dias quase todos iguais, no meio de uma pandemia com números cada vez mais pesados e negros, com as preocupações e problemas diários comuns a qualquer pai de família, parece que vivo muitas sextas-feiras da Semana Santa.

Por isso me detive nesta passagem da carta de São Paulo aos Hebreus: nós temos um Sumo Sacerdote que se compadece das nossas fraquezas! Por grandes e incapacitantes que sejam. E é uma compaixão que nasce da própria experiência, porque Jesus também foi posto à prova (e que prova!), também se irritou, chorou, sentiu dor, amargura, ansiedade, preocupação... É só percorrermos os Evangelhos, começando pelo de hoje, e encontramos tudo isto com facilidade.

Quais são as minhas fraquezas? O que me provoca dor? O que anda a tornar os meus dias mais cinzentos?

Muitas vezes peço ao Senhor para me ajudar a *“conservar firme a fé que professo”*. Se calhar não o faço as vezes suficientes. Chega a ser absurdo chamar a Deus “Pai” e depois ter uma certa vergonha de Lhe pedir ajuda.

“Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna.”

Sim, preciso de ajuda... Em primeiro lugar, para me conseguir

aproximar do “trono da graça”, sobretudo porque me custa ver a cruz como um trono! Um trono de dor e sofrimento, não pode ser um trono, muito menos para o Filho de Deus! Só com muita oração é que consigo ultrapassar a desilusão e o sentimento de perda que a cruz me provoca, tal como aos que, naquele tempo, esperavam ter encontrado finalmente o Messias que os ia libertar do opressor. Depois, preciso de ajuda para conseguir ver na cruz a Graça e a Glória de Deus. Um pouco zangado e muito perdido, pergunto-Lhe: “Era necessário deixares o Teu filho Jesus passar por todo este sofrimento? Não bastava todo o Seu revolucionário Amor a todos os Homens, as Suas palavras e ensinamentos?”

Compreender a cruz é aceitar verdadeiramente a plenitude da liberdade do amor de Deus. E, por outro lado, aceitar a vulnerabilidade do ser humano.

Custa-nos muito reconhecer e aceitar que somos frágeis. Falhamos, erramos, esquecemos, omitimos, ignoramos, perdemos, adoecemos... É um bom exercício vermos com o Senhor as nossas fragilidades, desde as mais antigas (e que até nos podem acompanhar toda a vida) às mais recentes ou mais assustadoras...

O corolário desta dificuldade de aceitar a fragilidade humana é a maneira como encaramos o sofrimento, seja nosso ou de outros. Deixamos que nos faça perder a esperança e abalar a fé.

Deus não nos obriga a sermos perfeitos e infalíveis... Deixa-nos ser, crescer, ter as nossas fragilidades e ama-nos assim mesmo. Amamos ao ponto de nos deixar crucificar Jesus, e a tantos outros a quem hoje o fazemos, às vezes só com a nossa indiferença ou negligência.

A cruz é mais do que a dor e o sofrimento, é mais do que uma oportunidade de superação e afirmação. A cruz é a possibilidade de nos unirmos ao Amor de Deus.

A aprendizagem da dor

UM DOS CAMINHOS NECESSÁRIOS PARA A ALEGRIA é a aprendizagem da dor. Não sabemos lidar com ela. A vida em sociedade obriga-nos a escondê-la, a disfarçá-la bem entre os afazeres, as pressas, o rumor conformista do tem-de-ser. Nós próprios sentimos que essa educação, na nossa história ficou por fazer: ninguém nos disse como se abraça e trabalha a dor. Ninguém arrisca afirmar: “Esta dor ainda te vai ser útil.” Não apenas a dor física, mas sobretudo a outra, a dor da fragilidade, a dor antiquíssima para a qual não temos palavras, a dor dos medos que nos mastigam, a dor do abandono primordial, a dor das nossas íntimas derrocadas. Seria preciso, talvez, começar por ver a dor não como um obstáculo, mas como um caminho.

(José Tolentino Mendonça, Rezar de olhos abertos, p.107)



Ser Luz de Cristo no mundo

- Gn 1,26-31 - A Criação
SI 103 (104)
Gn 22,1-18 - O Sacrifício de Abraão
SI 15 (16)
Ex 14,15–15,1 - Passagem do Mar Vermelho
Ex 15,1-2.3-4.5-
6.17.18
Is 54,5-14 - A nova Jerusalém
SI 29 (30)
Is 55,1-11 - A Salvação oferecida a Todos gratuitamente
Is 12,2-3.4bcd,5-6
Br 3,9-15.32–4,4 - A Fonte da Sabedoria
SI 18 (19)
Ez 36,16-33 - O Coração novo e o Espírito novo
SI 41 (42)
Rm 6,3-11
SI 117 (118)
Mc 16,1-8

São muitas as leituras desta Vigília. Li todas, tentei rezar todas, porque em todas elas há uma certeza: Deus caminha com o seu povo. Deus caminha conosco.

Em cada uma destas leituras há uma situação nova que o povo de Israel vive e que Deus acompanha de perto... Deus acompanha-nos de perto e continua a chamar-nos para os Seus caminhos. Chamamos para a Vida!... Ainda que neste momento isso nos possa parecer tão impossível!

Custou-me muito entrar no espírito da Vigília, no espírito da Páscoa: vivemos tempos muito inquietantes, vemos muito sofrimento à nossa volta... Estamos confinados novamente, e novamente confiados a Deus e à Sua providência... tal qual como aconteceu com o povo de Israel ao longo destas leituras.

“Que é isto, ó Israel? Porque estás tu em terra inimiga, envelhecendo num país estrangeiro?” (Br 3, 10).

Com esta interpelação me tirou Deus de onde eu estava enquanto preparava estas pistas: tirou-me da terra do medo. Curiosamente, esta também foi a terra para onde foram os discípulos nesta leitura do Evangelho: *“E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo”*. Medo pela pandemia que atravessamos, medo pelo que vejo na televisão, pelo que oiço aos que vivem estas situações mais de perto, pelos que trabalham incessantemente para salvar vidas. Medo pelos que se sentem sozinhos e desamparados, sem uma companhia para alegrar o seu confinamento, medo pelos maridos / mulheres dos que estão na linha da frente e que têm de assumir sozinhos as responsabilidades das suas famílias apesar de terem o coração apertado pelo seu par; medo pelo cansaço que vejo nos seus olhos, medo pelos que perderam o emprego e têm família para sustentar.

Na terra do medo mora a desesperança – e era assim que eu andava a olhar o mundo: com desesperança. E foi assim que me encontrou o Senhor: em “terra estrangeira”! Longe do Seu caminho e das Suas palavras.

E a seguir disse-me: *“Não tenhais medo. Permanecei firmes e vede a salvação que o Senhor fará para vós hoje”*.

O Senhor convida-nos a voltarmo-nos para Ele. Para as Suas palavras. Porque só elas nos podem dar a esperança e a força de que precisamos agora. Só nelas poderemos encontrar algum consolo para aquilo que vivemos.

Entrámos também numa “outra parte” do nosso lema deste ano: *“Eu te resgatei”*. Já li esta frase imensas vezes. Paro sempre para saborear o que nos é dito: *“Eu te resgatei”*. A ti, que lêes estas pistas, a mim que as escrevo. A todos.

Senhor, de que achas que preciso de ser resgatada?

Precisamos muito de ser resgatados do medo de nos sentirmos frágeis, finitos, limitados em meios, que esta pandemia nos tem trazido e com o qual nos tem confrontado, mas também precisamos de ser resgatados do medo de ser Luz de Deus no mundo de hoje. Há dias, ouvia umas pistas que nos desafiavam a ser sal e luz. E também nos questionavam: o que seria a nossa vida sem Deus?

E, olhando para trás, eu vejo muitas vezes Deus na minha vida, entranhado, “teimando” em permanecer, resgatando-me das minhas autolimitações, das prisões que às vezes construo porque tenho medo, resgatando-me da inação quando tenho medo de ser luz e sou só reflexo. Libertando-me para ser inteiramente Sua filha. Libertando-me para ser inteiramente irmã de todos os outros que estão à minha volta. Libertando-me para ser Luz no mundo de hoje: porque eu não sei salvar vidas, não tenho conhecimentos médicos

para tal, mas eu sei rezar! Eu sei rezar pelos outros. Eu sei acender uma vela para trazer luz à minha casa e me lembrar de que Deus permanece comigo. Eu sei olhar pelos que estão à minha volta, como sou olhada por Deus. “Hoje é a noite” diz-nos o Precónio Pascal: para recebermos este “coração novo” e este “espírito novo” que Deus nos quer dar.

Hoje é a noite para nos deixarmos resgatar e começarmos a agir. Para deixarmos esta terra estranha do medo e passarmos a viver na terra criada para nós por aquele que mais nos ama, assumindo a minha parte na manutenção da esperança e do amor no mundo... mesmo quando tudo parece perdido.

“Ressuscitou; não está aqui”. E nós? Deixamos que nasça em nós esta Luz que traz Vida Eterna?



Eu te resgatei...

Em cada manhã que abriste os olhos,

Que acordaste para a vida com o sol a brilhar.

Eu te resgatei...

A cada bom dia, em cada sorriso, daqueles com quem te vais encontrar.

Eu te resgatei...

Te perdoo e de ti cuido,

E tudo o que Sou te quero passar.

Eu te resgatei...

E na misericórdia e ternura te quero ver caminhar.

Eu te resgatei...

Te entrego o Meu amor para que a todos o possas espalhar.

Eu te resgatei...

Te conheço e por ti chamo

És meu! Ouve-me, estou(te) a chamar!

(Rita Brígida, grupo Vamos Rezar,
Fraternidade Missionaria Verbum Dei, 10-01-2021)

“Viu e acreditou.”

At 10,34a.37-43 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro.

Sl 117 (118)

Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo que Jesus amava e disse-lhes: “Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram”.

Cl 3,1-4

ou 1 Cor 5,6b-8

Jo 20,1-9 (manhã)
ou Lc 24,13-15
(tarde)

Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as

ligaduras no chão, mas não entrou.

Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte.

Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou.

Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.»

(Jo 20, 1-9)

“  o primeiro dia da semana...”, no primeiro dia da História, de uma nova História para a Humanidade. Ainda que o não soubesse, Maria Madalena iria fazer, nessa manhã, a maior descoberta de sempre.

É muito bom aprendermos a dialogar com os textos, para, através deles, chegarmos a dialogar com Deus. Santo Inácio, nos seus Exercícios Espirituais, sugere que façamos a “composição de lugar”: *“a composição será ver, com a vista da imaginação, o lugar material onde se acha aquilo que quero contemplar.”* (EE, nº47).

“(...) de manhãzinha, ainda escuro...” – é assim que nos é descrito o cenário; e é assim que vivemos, muitas vezes, é assim que temos vivido nos últimos meses: com a esperança, que nos traz cada manhã, mas, ao mesmo tempo, no “escuro”, envoltos no medo, na tristeza e na dor da perda.

E podemos dialogar também com as personagens, pessoas como nós, que lidaram com Jesus-homem, Aquele que andou há dois mil anos por Israel, lá morreu e ressuscitou.

Como iria Madalena, naquela manhã, a caminho do sepulcro? Preparava-se para chorar a sua dor, sozinha, junto de um morto e vem de lá surpreendida! Surpreendida, assustada, atónita, confusa...

Quantas hipóteses lhe terão passado pela cabeça!... Que sentimentos terá tido?

Diz-nos o texto que “correu” para junto dos discípulos a dar a notícia de que o túmulo estava vazio! A explicação mais plausível era a de que tivessem roubado o corpo de Jesus. Mas, o que lhe dizia o coração? Não tinha ela ouvido tantas vezes Jesus falar na ressurreição, dizer-lhes que não os deixaria órfãos, que estaria para sempre com eles, vivo? Seria mesmo possível?

Também os discípulos correram. Era tão estranha a notícia!
Como se sentiam eles, desde a Última Ceia, desde o Getsémani, desde o Calvário? Que dias, aqueles...

De Pedro não sabemos nada, desde o momento em que negara Jesus e, depois, chorara, amargamente; João, vimo-lo junto à cruz, recebendo de Jesus o maior bem, em testamento: a Mãe, de quem haveria também de cuidar.

Mas, como tinham eles vivido esse dia e meio, que lhes terá parecido com certeza uma eternidade? Podemos perguntar-lhes e eles ajudar-nos-ão a entrar, como eles entraram, neste mistério.

Correram os dois juntos, mas não viram ao mesmo tempo o que havia para ver: João chegou primeiro, mas esperou por Pedro; este “entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão”, João entrou a seguir e fez-se-lhe luz: “viu e acreditou”!

Senhor,
há tantas evidências de que Tu estás vivo e que vives comigo o meu quotidiano... e eu duvido tanto!
Arrasto a minha tristeza pelas minhas “mortes” e pelas “mortes” de outros,
por tudo o que não sou capaz, por aquilo que ainda não és Tu em mim
e não vejo o que é tão claro:
as ligaduras estão no chão e o sudário também, caído, à parte!
Todos os sinais de morte estão por terra, vencidos. A Tua vida é mais forte!
O sepulcro está vazio e eu corro ao Teu encontro, mas sei que não é lá que Te vou encontrar.
O sepulcro está vazio e eu corro para anunciar que Tu vives:
vives no coração de cada homem, vives na Tua Igreja, vives no mundo,

mesmo – ou principalmente! – quando ele está triste, fraco, doente, moribundo...

Faz-me acreditar, Senhor!

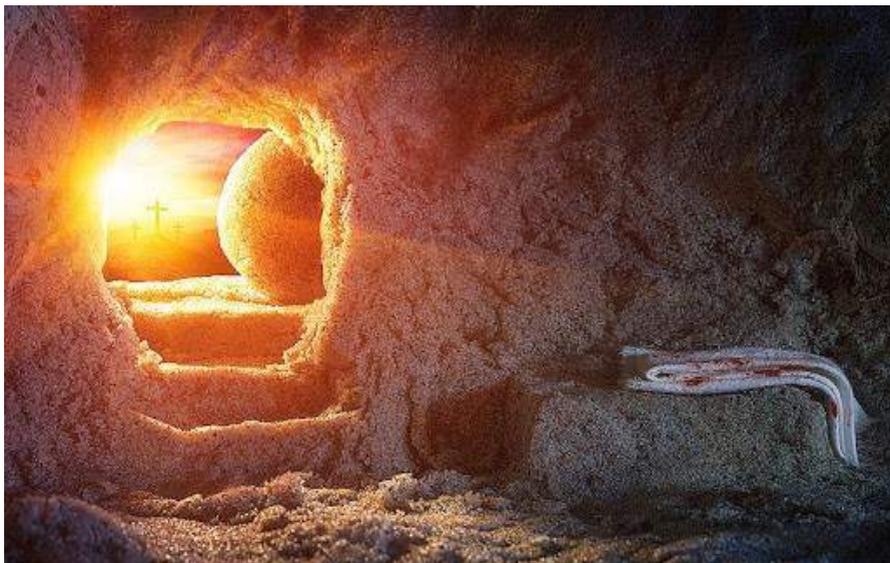
Exclamar “Rabuni!”, como Maria Madalena, na continuação deste texto, quando a chamas pelo nome. Chama-me muitas vezes, Senhor, muitas vezes, porque eu sou lenta, muito mais lenta em acreditar do que qualquer um dos Teus amigos.

Ajuda-me a repetir em cada dia esta experiência ímpar da manhã da ressurreição!

Mesmo que eu vá à Tua procura com as minhas dúvidas e as minhas apreensões,

vem Tu ao meu encontro revelar-Te vivo para sempre!

Ámen.



Jesus dialoga com a descrença

Queridos irmãs e irmãos

A verdade da Páscoa é uma verdade inacreditável. A verdade que aconteceu com este homem, Jesus de Nazaré, é uma verdade que nos deixa em sobressalto.

E perguntamo-nos se devemos ou não acreditar. Podemos ou não acreditar em Jesus?

Se nos vierem dizer que um homem venceu a morte (esta morte que parece o limite natural de todas as coisas e de todos os seres), se nos vierem dizer que um homem rompeu o cerco e saltou para lá da linha, e Se levanta agora como Aquele que está vivo no meio dos Seus, nós esfregamos os olhos, beliscamos os braços para ver se é verdade, se pode ser verdade.

A Igreja, neste Tempo Pascal, é isso que pergunta: pode ser verdade isto que nos está a ser anunciado?

A Ressurreição é a maior das verdades cristãs. Em certo sentido, é a única das verdades cristãs. Porque é ela que rompe com tudo aquilo que conhecíamos até então, é ela que nos coloca perante um dia novo, perante um tempo novo, perante um lugar absolutamente inédito na História. E mais: é-nos pedido, a cada um de nós, que seja a partir da Ressurreição, a partir da fé neste acontecimento absolutamente singular da História, que moldemos agora as nossas vidas, os nossos dias, o tempo que nos cabe viver; que seja a Ressurreição, o acontecimento pascal, que seja o critério, a regra, a medida, o mapa, a certeza, a convicção, o espanto que nos move na vida de todos os dias. (...)

Com a Páscoa a nossa vida passa a valer mais. Porque nós trazemos impresso na nossa carne, o relato de uma verdade capaz de mudar e salvar o mundo. Trazemos impresso no nosso coração e na nossa carne, não só a verdade da cruz, mas a verdade do túmulo vazio, a verdade da manhã de Páscoa. Esta verdade que custa dizer,

porque é tão grande, é tão maior do que tudo aquilo que até aqui sabíamos. (...)

Queridos irmãs e irmãos,

é esta responsabilidade que nos é pedida: a responsabilidade de fazermos este caminho interior de aceitarmos que seja o Espírito a abrir-nos o entendimento e aceitarmos viver este tempo num regime espiritual intenso. Para que o próprio Deus nos ajude a compreender o que é que Ele nos quis dizer com a Ressurreição do Seu filho. E depois, nós próprios sermos um povo de testemunho, um povo que é capaz de levar esta boa notícia, esta palavra que transforma a vida.

Há um túmulo que ficou vazio, porque há um homem que ressuscitou. E a partir desta notícia nós redesenharmos, nós recriarmos, nós reinventarmos a nossa relação com o mundo.

(José Tolentino Mendonça

Homilia Capela do Rato 19.04.2015

<https://www.capeladorato.org/2015/04/22/jesus-dialoga-com-a-descrenca/>)

parte III textos da Igreja

Introdução

Não pensávamos oferecer-vos um novo Caderno de Oração ainda em tempo de pandemia, muito menos de novo em confinamento.

Mas são estas as circunstâncias que vivemos, são estas as circunstâncias que rezamos.

Jesus une-Se na nossa oração ao Pai: *“Não Te peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal”* (Jo 17, 15).

Nesta Quaresma, a segunda que vivemos assim, a Igreja dá-nos documentos que nos alimentam nesta caminhada.

O Papa declarou este ano sob a proteção de São José e escreveu a Carta Apostólica *“Patris Corde”* a esse respeito.

Além disso, quis que este fosse também um ano especial para as famílias e chamou-lhe *“Ano Amoris Laetitia”*, para nos ajudar a centrar nessa Exortação Apostólica, quando passam cinco anos da sua publicação (19 de março de 2016).

E num tempo em que todos ou já fomos afetados pela COVID 19 ou conhecemos quem tenha sido, em que chorámos familiares e amigos que partiram por causa desta doença, em que ficamos estupefactos perante as estatísticas diárias e vemos os profissionais de saúde no seu limite, celebramos, a 11 de fevereiro, mais um Dia Mundial do Doente, sempre sob o signo da esperança e sob o olhar terno e atento de Maria.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO (excertos) XXIX DIA MUNDIAL DO DOENTE II de fevereiro de 2021

«Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23, 8).
A relação de confiança, na base do cuidado dos doentes

Queridos irmãos e irmãs!

A celebração do XXIX Dia Mundial do Doente que tem lugar a 11 de fevereiro de 2021, memória de Nossa Senhora de Lurdes, é momento propício para prestar uma atenção especial às pessoas doentes e a quantos as assistem quer nos centros de saúde quer no seio das famílias e comunidades. Penso de modo particular nas pessoas que sofrem em todo o mundo os efeitos da pandemia do coronavírus. A todos, especialmente aos mais pobres e marginalizados, expresso a minha proximidade espiritual, assegurando a solicitude e o afeto da Igreja.

1. (...)

2. A experiência da doença faz-nos sentir a nossa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade natural do outro. Torna ainda mais nítida a nossa condição de criaturas, experimentando de maneira evidente a nossa dependência de Deus. De facto, quando estamos doentes, a incerteza, o temor e, por vezes, o pavor impregnam a mente e o coração; encontramos-nos numa situação de impotência, porque a saúde não depende das nossas capacidades nem do nosso afã (cf. Mt 6, 27).

A doença obriga a questionar-se sobre o sentido da vida; uma pergunta que, na fé, se dirige a Deus. Nela se procura um significado novo e uma direção nova para a existência e, por vezes, pode não encontrar imediatamente uma resposta. (...)

3. A doença tem sempre um rosto, e até mais do que um: o rosto de todas as pessoas doentes, mesmo daquelas que se sentem ignoradas, excluídas, vítimas de injustiças sociais que lhes negam direitos essenciais (cf. Enc. *Fratelli tutti*, 22). A atual pandemia colocou em evidência tantas insuficiências dos sistemas de saúde e carências na assistência às pessoas doentes. Viu-se que, aos idosos, aos mais frágeis e vulneráveis, nem sempre é garantido o acesso aos cuidados médicos ou não o é sempre de forma equitativa. (...) Ao mesmo tempo, a pandemia destacou também a dedicação e generosidade de profissionais de saúde (...). Uma série silenciosa de homens e mulheres que optaram por fixar aqueles rostos, ocupando-se das feridas de pacientes que sentiam como próximo em virtude da pertença comum à família humana. Com efeito, a proximidade é um bálsamo precioso, que dá apoio e consolação a quem sofre na doença.

4. (...)

Assim o atesta muitas vezes o Evangelho quando mostra que as curas realizadas por Jesus nunca são gestos mágicos, mas fruto de um *encontro*, uma *relação interpessoal*, em que ao dom de Deus, oferecido por Jesus, corresponde a fé de quem o acolhe, como se resume nesta frase que Jesus repete com frequência: «A tua fé te salvou».

5. Queridos irmãos e irmãs, o mandamento do amor, que Jesus deixou aos Seus discípulos, encontra uma realização concreta também no relacionamento com os doentes. Uma sociedade é tanto mais humana quanto melhor souber cuidar dos seus membros frágeis e atribulados e o fizer com uma eficiência animada por amor fraterno. Tendamos para esta meta, procurando que ninguém fique sozinho, nem se sinta excluído e abandonado. Todas as pessoas doentes, os agentes da saúde e quantos se prodigalizam junto dos que sofrem, confio-os a Maria, Mãe de Misericórdia e Saúde dos Enfermos.

Que Ela, da Gruta de Lourdes e dos seus inumeráveis santuários espalhados por todo o mundo, sustente a nossa fé e a nossa esperança e nos ajude a cuidar uns dos outros com amor fraterno. A todos e cada um concedo, de coração, a minha bênção.

Roma, V Domingo de Advento, 20 de dezembro de 2020

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20201220_giornata-malato.html



CARTA APOSTÓLICA PATRIS CORDE (excertos) – 1ª parte PAPA FRANCISCO 150º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO DE SÃO JOSÉ PADROEIRO UNIVERSAL DA IGREJA

Com coração de pai: assim José amou a Jesus, designado nos quatro Evangelhos como «o filho de José». (...)

Sabemos que era um humilde carpinteiro (cf. Mt 13, 55), desposado com Maria (cf. Mt 1, 18; Lc 1, 27); um «homem justo» (Mt 1, 19), sempre pronto a cumprir a vontade de Deus manifestada na sua Lei (cf. Lc 2, 22.27.39) e através de quatro sonhos (cf. Mt 1, 20; 2, 13.19.22).

Depois duma viagem longa e cansativa de Nazaré a Belém, viu o Messias nascer num estábulo, «por não haver lugar para eles» (Lc 2, 7) noutro sítio. Foi testemunha da adoração dos pastores (cf. Lc 2, 8-20) e dos Magos (cf. Mt 2, 1-12), que representavam respetivamente o povo de Israel e os povos pagãos.

Teve a coragem de assumir a paternidade legal de Jesus, a quem deu o nome revelado pelo anjo: dar-Lhe-ás «o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). Entre os povos antigos, como se sabe, dar o nome a uma pessoa ou a uma coisa significava conseguir um título de pertença, como fez Adão na narração do Génesis (cf. 2, 19-20).

No Templo, quarenta dias depois do nascimento, José – juntamente com a mãe – ofereceu o Menino ao Senhor e ouviu, surpreendido, a profecia que Simeão fez a respeito de Jesus e Maria (cf. Lc 2, 22-35). Para defender Jesus de Herodes, residiu como forasteiro no Egito (cf. Mt 2, 13-18).

Regressado à pátria, viveu no recôndito da pequena e ignorada cidade de Nazaré, na Galileia – donde (dizia-se) «não sairá nenhum profeta» (Jo 7, 52), nem «poderá vir alguma coisa boa» (Jo 1, 46) –, longe de Belém, a sua cidade natal, e de Jerusalém, onde se erguia o Templo. Foi precisamente durante uma peregrinação a Jerusalém que perderam Jesus (tinha ele doze anos) e José e Maria,

angustiados, andaram à sua procura, acabando por encontrá-Lo três dias mais tarde no Templo discutindo com os doutores da Lei (cf. Lc 2, 41-50).

(...) ao longo destes meses de pandemia que pudemos experimentar, no meio da crise que nos afeta, que «as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho.

(...) Quantas pessoas, dia a dia, exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas coresponsabilidade! Quantos pais, mães, avôs e avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia-a-dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração!

Todos podem encontrar em São José – o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida – um intercessor, um amparo e uma guia nos momentos de dificuldade.

São José lembra-nos que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano, têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação.

1. Pai amado

A grandeza de São José consiste no facto de ter sido o esposo de Maria e o pai de Jesus. (...)

Por este seu papel na história da salvação, São José é um pai que foi sempre amado pelo povo cristão, como prova o facto de lhe terem sido dedicadas numerosas igrejas por todo o mundo; de

muitos institutos religiosos, confrarias e grupos eclesiais se terem inspirado na sua espiritualidade e adotado o seu nome; e de, há séculos, se realizarem em sua honra várias representações sacras. (...)

Enquanto descendente de David (cf. Mt 1, 16.20), de cuja raiz deveria nascer Jesus segundo a promessa feita ao rei pelo profeta Natan (cf. 2 Sam 7), e como esposo de Maria de Nazaré, São José constitui a dobradiça que une o Antigo e o Novo Testamento.

2. Pai na ternura

(...) Jesus viu a ternura de Deus em José: «Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem» (Sal 103, 13).

(...) A vontade de Deus, a sua história e o seu projeto passam também através da angústia de José. Assim ele ensina-nos que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza. E ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o timão da nossa barca. Por vezes queremos controlar tudo, mas o olhar d'Ele vê sempre mais longe.

3. Pai na obediência

De forma análoga a quanto fez Deus com Maria, manifestando-Lhe o seu plano de salvação, também revelou a José os seus desígnios por meio de sonhos (...).

José sente uma angústia imensa com a gravidez incompreensível de Maria: mas não quer «difamá-la» e decide «deixá-la secretamente» (Mt 1, 19). No primeiro sonho, o anjo ajuda-o



a resolver o seu grave dilema (...). No segundo sonho, o anjo dá esta ordem a José: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito» (Mt 2, 13).

No Egito, com confiança e paciência, José esperou do anjo o aviso prometido para voltar ao seu país. (...)

Então advertido em sonhos – e é a quarta vez que acontece – retirou-se para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré» (Mt 2, 22-23). (...)

Ao longo da vida oculta em Nazaré, na escola de José, Ele aprendeu a fazer a vontade do Pai. (...)

4. Pai no acolhimento

Na nossa vida, muitas vezes sucedem coisas, cujo significado não entendemos. E a nossa primeira reação, frequentemente, é de desilusão e revolta. Diversamente, José deixa de lado os seus raciocínios para dar lugar ao que sucede e, por mais misterioso que possa aparecer a seus olhos, acolhe-o (...).

A vida espiritual que José nos mostra, não é um caminho que explica, mas um caminho que acolhe. Só a partir deste acolhimento, desta reconciliação, é possível intuir também uma história mais excelsa, um significado mais profundo. (...)

O acolhimento é um modo pelo qual se manifesta, na nossa vida, o dom da fortaleza que nos vem do Espírito Santo. Só o Senhor nos pode dar força para acolher a vida como ela é, aceitando até mesmo as suas contradições, imprevistos e desilusões. (...)

(continua)

Roma, Solenidade da Imaculada Conceição, 8 de dezembro do ano de 2020

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html

PAPA FRANCISCO
Promulgação do Ano “Família Amoris Laetitia”
ANGELUS
Domingo, 27 de dezembro de 2020

Depois do Natal, a liturgia convida-nos a fixar o olhar na Sagrada Família de Jesus, Maria e José. É bom refletir que o Filho de Deus, como todas as crianças, quis ter necessidade do calor de uma família. Precisamente por esta razão, porque é a de Jesus, a família de Nazaré é modelo, na qual todas as famílias do mundo podem encontrar o seu seguro ponto de referência e inspiração. (...)

À imitação da Sagrada Família, somos chamados a redescobrir o valor educativo do núcleo familiar: ele deve fundar-se no amor que sempre regenera as relações e abre horizontes de esperança. A comunhão sincera pode ser experimentada na família quando é uma casa de oração, quando os afetos são sérios, profundos e puros, quando o perdão prevalece sobre a discórdia, quando a dureza diária da vida é suavizada pela ternura mútua e pela serena adesão à vontade de Deus. Deste modo, a família abre-se à alegria que Deus concede a todos os que sabem doar alegremente. Ao mesmo tempo, encontra a energia espiritual para se abrir ao mundo exterior, aos outros, ao serviço dos irmãos, à colaboração para a construção de um mundo sempre novo e melhor; por conseguinte, capaz de se tornar portadora de estímulos positivos; a família evangeliza através do exemplo de vida.(...).

Haverá um ano de reflexão sobre a *Amoris Laetitia* e será uma oportunidade para aprofundar o conteúdo do documento [19 de março de 2021-junho de 2022].

(...)

Confiemos à Sagrada Família de Nazaré, em particular a São José, esposo e pai solícito, este caminho com as famílias do mundo inteiro.

A Virgem Maria, a quem agora nos dirigimos com a oração do *Angelus*, faça com que as famílias de todo o mundo sejam cada vez mais fascinadas pelo ideal evangélico da Sagrada Família, de modo a que se tornem fermento de nova humanidade e de solidariedade concreta e universal.

ANO “FAMÍLIA AMORIS LAETITIA”

19 de março de 2021 – 26 de junho de 2021

Em 19 de março de 2021, a Igreja comemora cinco anos da publicação da exortação apostólica *Amoris Laetitia* sobre a beleza e a alegria do amor familiar.

Neste mesmo dia, o Papa Francisco inaugura o Ano “Família *Amoris Laetitia*”, que terminará em 26 de junho de 2022, por ocasião do X Encontro Mundial das Famílias em Roma.

O PROJETO

O Ano “Família *Amoris Laetitia*” é uma iniciativa do Papa Francisco, que pretende chegar a todas as famílias do mundo por meio de várias propostas de caráter espiritual, pastoral e cultural, a serem realizadas nas paróquias, dioceses, universidades, no contexto dos movimentos eclesiais e das associações familiares.

O objetivo é oferecer à Igreja oportunidades de reflexão e estudo para viver concretamente a riqueza da exortação apostólica *Amoris Laetitia*.

A experiência da pandemia pôs em evidência o papel central da família como Igreja doméstica e a importância dos laços comunitários entre as famílias, que fazem da Igreja uma autêntica “família de famílias” (AL 87).

Esta merece um ano de celebrações, para que seja colocada no centro da solicitude pastoral e da atenção de cada realidade pastoral e eclesial.

OBJETIVOS

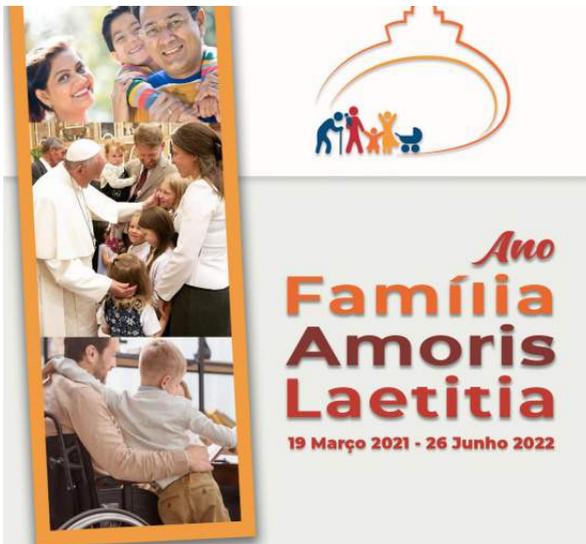
- Difundir o conteúdo da exortação apostólica *Amoris Laetitia*.
- Anunciar que o sacramento do matrimônio é uma dádiva e tem em si um poder transformador do amor humano.
- Tornar as famílias protagonistas da pastoral familiar.
- Consciencializar os jovens sobre a importância da formação sobre a família, com iniciativas a eles dedicadas.
- Alargar o olhar e a ação da pastoral familiar.

INICIATIVAS E RECURSOS

Aqui ficam algumas das iniciativas.

- Projeto “10 Vídeos *Amoris Laetitia*”: o Santo Padre explicará os capítulos da exortação apostólica, junto com famílias que testemunharão alguns aspetos da sua vida diária. A cada mês será lançado um vídeo para despertar o interesse pastoral pela família nas dioceses e paróquias de todo o mundo.
- #IamChurch: difusão de alguns vídeos com testemunhos sobre o protagonismo eclesial e a fé das pessoas com deficiência.
- “Caminhando com as famílias”: 12 propostas pastorais concretas para caminhar com as famílias, inspiradas pela *Amoris Laetitia*.
- Tendo em vista o X Encontro Mundial das Famílias de Roma 2022, as dioceses e as famílias de todo o mundo são convidadas a divulgar e aprofundar as catequeses que serão disponibilizadas pela diocese de Roma e a empenhar-se em iniciativas pastorais *ad hoc*.
- Celebração de uma Jornada para os avós e os idosos.

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-convoca-ano-especial-dedicado-a-familia/>



Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_ da oração;

_ do ministério da Palavra;

_ do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com